

Editorial

Ao fecharmos, com a presente edição, o ano de 2024 lançamos nosso olhar para os acontecimentos que nos constituíram e projetam os sentidos, desejos e motivações das nossas vidas em determinadas direções. Ao longo de 2024, todos nós, em qualquer canto do planeta, fomos envergonhados na nossa humanidade pelo massacre genocida do povo palestino. Assistimos, quem conseguiu, às cenas cotidianas de horror, assassinato, tortura, fome e destruição que removeram de seus lares mais de dois milhões de palestinos, e mataram quase cinquenta mil pessoas, a maioria delas, mulheres e crianças. Para muitos, a matança de crianças faz parte do projeto de eliminação do povo palestino “que visa à desaparecimento de toda uma sociedade”, nas palavras de Ualid Rabah, representante da Federação Palestina no Brasil¹. E, sem dúvida, de acordo com especialistas que enfrentam o dia a dia deste genocídio, como a pediatra palestina Sabreen Akhter, “quando se jogam bombas em um lugar onde há crianças, sua intenção primordial é matar as crianças primeiro”².

A eliminação sumária de crianças tem sido uma forma hedionda de extermínio de um povo levada a cabo por ódios e intolerância às diferenças e à pluralidade. Muito recentemente no Brasil, também nos encheram de vergonha e indignação o tratamento dado pelo governo do ex-presidente Bolsonaro às populações indígenas quando assistimos a cenas de morte de centenas de crianças por inanição e doenças. Apenas em 2022, o último ano desse (des-) governo, foram 835 mortes de crianças indígenas na faixa de 0 a 4 anos por omissão, fora as mortes por assassinato³; mortes essas evitáveis se não fosse o descaso do poder público e a política de extermínio deste povo (Rangel e Liebgott, 2022). A intenção política de extermínio das crianças constitui o que Ann Phoenix (2024), se apoiando em Jacques Derrida, chama de ‘fantasmologias’ (*hauntologies*), ou seja, séries psíquicas intergeracionais que não são descontinuadas ou rompidas, mas permanecem no presente assombrando as novas e velhas gerações. No caso do Brasil, assombrando o nosso presente permanece a intencionalidade política de eliminação de crianças, jovens e adolescentes, que continuam sendo exterminados por conta da sua raça, gênero e classe. Ao se tornarem indesejados aos olhos de grupos hegemônicos, crianças, adolescentes e jovens constituem as vítimas preferenciais da necropolítica que repete um passado de dolo e iniquidades.

Um desenho de futuro(s) se faz nesse caminhar trágico. Quer o extermínio das crianças palestinas, quer o das pequenas indígenas brasileiras, por tais ações se modulam e se determinam as condições de viver e as disposições individuais e coletivas que, frequentemente, fazem esta realidade parecer imutável. No entanto, outros futuros podem ser disputados. A começar pela incansável vontade de transformar o presente.

1 Depoimento de Ualid Rabah na Câmara de Deputados no Brasil. Crianças e mulheres são as maiores vítimas da guerra em Gaza, ressaltam debatedores. Portal da Câmara dos Deputados. Acesso em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1056658-criancas-e-mulheres-sao-as-maiores-vitimas-da-guerra-na-faixa-de-gaza-ressaltam-debatedores/>>, em: 11 janeiro 2025.

2 Ver: When children are present in a genocide, Mondoweiss, março 2024. Acesso em: <<https://mondoweiss.net/2024/03/when-children-are-present-in-a-genocide/>>, em 16 janeiro 2025.

3 Ver: Sumário Executivo: Em 2022, intensificação da violência contra povos indígenas refletiu ciclo de violações sistemáticas e ataques a direitos. Em: Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil. Dados 2022. Brasil: CIMI, Conselho Missionário Indígena. Acesso em: <<https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/>>, em: 16 janeiro 2025.

Faz parte desta disputa a contribuição que pesquisadores da infância, adolescência e juventude podem dar na construção de um conhecimento crítico e comprometido com as demandas da sociedade.

Na presente edição, trazemos oito artigos na seção Temas em Destaque que apresentam seus resultados de pesquisas sobre a infância, a adolescência e a juventude na busca de responder criticamente às questões da sociedade brasileira. Assim, se faz premente que as crianças saibam e entendam quais são seus direitos (artigo de Ilze Nobre e Marcelo Ribeiro), e possam se construir como sujeitos com liberdade através da experiência de circulação pelo território da cidade (artigo de Joelma Cerqueira e Levindo Carvalho) que muitas vezes não lhes é permitida. O cinema constitui dispositivo importante para a reflexão pública e coletiva sobre determinadas condições de se viver a infância e a adolescência (artigo de Felipe Brida e Juliana Doretto; artigo de Fabi, Gasparini e Cid). A busca de respostas à condição de *ser adolescente* na sociedade contemporânea é discutida em vários artigos desta edição: como a escola pode e deve preparar os jovens para a vida, as relações sociais e o futuro (artigos de Claudia Andrade e Colaboradoras e o de Jardelson Oliveira e Michelle Moreira); o desafio dos adolescentes de enfrentar as exclusões e os preconceitos (artigo de Rui Neto e Colaboradores); bem como, o desafio de se assumir como pessoa singular e/ou adoecer (artigo de Gabriela Macedo e Mariana Matos). O conjunto de artigos anuncia a vontade de, através de pesquisas e conhecimento científico, prover respostas para a complexidade das questões do presente que apontem para a construção de futuros mais auspiciosos para crianças e jovens.

Na seção das Informações Bibliográficas, trazemos a resenha de Lisandra Ogg Gomes sobre a publicação *O brincar na favela da Maré: jogos de vida e resistência em território conflagrado*, de Adelaide Rezende de Souza. Elza Luiza Villalva Barbosa e Nádia Conceição Lauriti escreveram a resenha do livro *Vida cotidiana e microtransições: narrativas pedagógicas das escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI*, organizado por Paulo Fochi.

Trazemos também aos nossos leitores o levantamento de livros publicados no período de setembro a dezembro de 2024, cujas informações puderam ser obtidas nos sites de suas respectivas editoras. Ao todo foram 17 obras encontradas nas áreas das ciências humanas e sociais dos países da América Latina sobre infância, adolescência e juventude.

Boa leitura a todas!

Lucia Rabello de Castro

Editora Chefe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PHOENIX, A. Accounting for ourselves and others: Living psychosocial hauntologies. **PINS** (Psychology in Society), v. 66, n. 1, p. 80-100, 2024.

RANGEL, L. H.; LIEBGOTT, R. A. Sob Bolsonaro, o genocídio dos povos indígenas foi naturalizado. Em **Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil**. Brasil: CIMI, 2022. p.13-17.

Editorial

Al cerrar, con la presente edición, el año 2024 lanzamos nuestra mirada hacia los acontecimientos que nos constituyeron y proyectaron los sentidos, deseos y motivaciones de nuestras vidas en determinadas direcciones. A lo largo de 2024, todos nosotros, como planeta, fuimos avergonzados en nuestra humanidad por la masacre genocida del pueblo palestino. Vimos, quien pudo, las escenas cotidianas de horror, asesinato, tortura, hambre y destrucción que removieron de sus hogares a más de dos millones de palestinos, y mataron a casi cincuenta mil personas, la mayoría de ellas, mujeres y niños. Para muchos, la matanza de niños forma parte del proyecto de eliminación del pueblo palestino “que tiene como objetivo la desaparición de toda una sociedad”, en palabras de Ualid Rabah, representante de la Federación Palestina en Brasil¹. Y, sin dudas, de acuerdo con especialistas que enfrentaron el día a día de este genocidio, como la pediatra palestina Sabreen Akhter, “cuando se arrojan bombas en un lugar donde hay niños, su intención primordial es matar a los niños primero”².

La sumaria eliminación de niños ha sido una forma hedionda de exterminio de un pueblo llevada a cabo por odios e intolerancia a las diferencias y a la pluralidad. Muy recientemente en Brasil, también nos llenaron de vergüenza e indignación el tratamiento dado por el gobierno del ex presidente Bolsonaro a las poblaciones indígenas cuando fuimos espectadores de escenas de muerte de centenas de niños por hambre y enfermedades. Solo en 2022, el último año de ese (des)gobierno, fueron 835 las muertes de niños y niñas indígenas en la franja de 0 a 4 años por omisión, sin contar las muertes por asesinato³; muertes que hubieran sido evitables si no fuera por el desinterés del poder público y la política de exterminio de esa población (Rangel e Liebgott, 2022). La intención política de exterminio de niños y niñas constituye lo que Ann Phoenix (2024), apoyándose Jacques Derrida, llama ‘fantasmologías’ (*hauntologies*), o sea, o sea, series psíquicas intergeneracionales que no son discontinuadas o rotas, sino que permanecen en el presente acechando nuevas y viejas generaciones. En el caso brasileño, acechando nuestro presente permanece la intencionalidad política de eliminación de niños, niñas, jóvenes y adolescentes, que continúan siendo exterminados a causa de su raza, género y clase. Al tornarse indeseados a los ojos de grupos hegemónicos, niños, adolescentes y jóvenes se constituyen en víctimas preferenciales de la necropolítica que repite un pasado de dolo e inequidades.

El diseño de futuro(s) se hace en este trágico caminar. Sea el exterminio de los niños y niñas palestinos, sea el de pequeños indígenas brasileños, a través de tales acciones se modulan y se determinan las condiciones de vida y las disposiciones individuales y colectivas que, frecuentemente, hacen que esta realidad permanezca inmutable. No obstante, otros futuros pueden ser disputados. Comenzando por la incansable voluntad de transformar el presente. Forma parte de esta disputa la contribución que investigadores de la infancia, adolescencia y juventud pueden ofrecer en la construcción de un conocimiento crítico y comprometido con las demandas de la sociedad.

1 Testimonio de Ualid Rabah en la Cámara de Diputados de Brasil. Crianças e mulheres são as maiores vítimas da guerra em Gaza, ressaltam debatedores. Portal da Câmara dos Deputados. Consultado en: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1056658-criancas-e-mulheres-sao-as-maiores-vitimas-da-guerra-na-faixa-de-gaza-ressaltam-debatedores/>>, en: 11 enero 2025.

2 Ver: When children are present in a genocide, *Mondoweiss*, Marzo 2024. Consultado en: <<https://mondoweiss.net/2024/03/when-children-are-present-in-a-genocide/>>, en: 16 enero 2025.

3 Ver: Sumário Executivo: Em 2022, intensificação da violência contra povos indígenas refletiu ciclo de violações sistemáticas e ataques a direitos. En: Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil. Dados 2022. Brasil: CIMI, Conselho Missionário Indígena. Consultado en: <<https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/>>, en: 16 enero 2025.

En esta edición, traemos ocho artículos en la sección Temas Sobresalientes que presentan sus resultados de investigaciones sobre la infancia, la adolescencia y la juventud en la búsqueda de responder críticamente a los problemas que enfrenta la sociedad brasileña. Así, se torna imperativo que los niños sepan y entiendan cuáles son sus derechos (artículo de Ilza Nobre y Marcelo Ribeiro), y puedan construirse como sujetos con libertad a través de la experiencia de circulación por el territorio de la ciudad (artículo de Joelma Cerqueira y Levindo Carvalho) que muchas veces no les es permitida. El cine constituye un dispositivo importante para la reflexión pública y colectiva sobre determinadas condiciones de vivir la infancia y la adolescencia (artículo de Felipe Brida y Juliana Doretto; artículo de Fabi, Gasparini y Cid). La búsqueda de respuestas a la condición de ser *adolescente* en la sociedad contemporánea es discutida en varios artículos de esta edición: cómo la escuela puede y debe preparar a los jóvenes para la vida, las relaciones sociales y el futuro (artículos de Claudia Andrade y Colaboradoras y el de Jardelson Oliveira y Michelle Moreira); el desafío de los adolescentes de enfrentar las exclusiones y los prejuicios (artículo de Rui Neto y Colaboradores); bien como, el desafío de asumirse como persona singular y/o enfermar (artículo de Gabriela Macedo y Mariana Matos). El conjunto de artículos anuncia la voluntad de, a través de la investigación y el conocimiento científico, proveer respuestas para la complejidad de los problemas del presente que apunten a la construcción de futuros más auspiciosos para niños, niñas y jóvenes.

En la sección de Informaciones Bibliográficas, traemos la reseña de Lisandra Ogg Gomes sobre la publicación *O brincar na favela da Maré: jogos de vida e resistência em território conflagrado*, de Adelaide Rezende de Souza. Elza Luiza Villalva Barbosa y Nádia Conceição Lauriti escribieron la reseña del libro *Vida cotidiana e microtransições: narrativas pedagógicas das escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI*, organizado por Paulo Fochi.

Traemos también a nuestros lectores el relevamiento de libros publicados en el período de septiembre a diciembre de 2024, cuyas informaciones pudieron ser obtenidas en los sitios web de sus respectivas editoriales. En total fueron 17 obras encontradas en las áreas de las ciencias humanas y sociales de los países de América Latina sobre la infancia, adolescencia y juventud.

;Feliz lectura!

Lucia Rabello de Castro

Jefa de Edición

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PHOENIX, A. Accounting for ourselves and others: Living psychosocial hauntologies. **PINS** (Psychology in Society), v. 66, n. 1, p. 80-100, 2024.

RANGEL, L. H.; LIEBGOTT, R. A. Sob Bolsonaro, o genocídio dos povos indígenas foi naturalizado. Em **Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil**. Brasil: CIMI, 2022. p.13-17.

Lista de Pareceristas 2024

Amanda Cristina Ribeiro da Costa – Brasil, Universidade Federal do Pará

Ana Luz Minera – México, Universidad Nacional Autónoma

Anderson de Andrade Silva – Brasil, Universidade Potiguar

Beatriz Takeiti – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruno Vieira dos Santos – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco

Carolina Trapp de Queiroz – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Citlali Quecha – México, Universidad Nacional Autónoma

Conceição Seixas – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cristina Mansferrer – México, Universidad Nacional Autónoma de México

Elisete Tomazetti – Brasil, Universidade Federal de Santa Maria

Esmael Alves de Oliveira – Brasil, Universidade Federal de Grandes Dourados

Fábio Giorgio Santos Azevedo – Brasil, Universidade Federal da Bahia

Fátima Flório Cesar – Brasil, Pontifícia Universidade Católica-SP

Felipe Salvador Grisolia – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Florencia Gentile – Argentina, Universidad Nacional de General Sarmiento

Gabriela Magistris – Argentina, Universidad Nacional de Mar del Plata

Geraldo Leão – Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Giovanna Marafon – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Heloisa Dias Bezerra – Brasil, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Iván Pascual – España, Universidad de Huelva

Jamile Guimarães – Brasil, Universidade de São Paulo

Karine Barbosa – Brasil, Universidade Federal de Ouro Preto

Kátia Lacerda Meira Menezes – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco

Larissa de Pinho Cavalcanti – Brasil, Universidade Federal Rural de Pernambuco

Laura Cristina Eiras Coelho Soares – Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Lis Albuquerque Melo – Brasil, Universidade Estadual do Ceará

Lisandra Ogg – Brasil, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Luciana Gageiro Coutinho – Brasil, Universidade Federal Fluminense

Luiza Teles Mascarenhas – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luziane Zacché Avellar – Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo

Marcia Aparecida Gobbi – Brasil, Universidade de São Paulo

María Adelaida Colangelo – Argentina, Universidad Nacional de La Plata

María Celeste Hernández – Argentina, Universidad Nacional de La Plata

Maria da Graça Silveira Gomes da Costa – Brasil, Universidade Federal do Sul da Bahia

Maria Fernanda Barboza Cid – Brasil, Universidade Federal de São Carlos

María Isabel Jociles Rubio – España, Universidad Complutense de Madrid

Maria Madalena Gracioli – Brasil, Universidade Estadual Paulista

Mariana García Palacios – Argentina, Universidad de Buenos Aires

Marta Cruz Rodríguez – México, Instituto de Investigaciones Antropológicas de la UNAM

Monique Aparecida Voltarelli – Brasil, Universidade de Brasília

Neyra Alvarado – México, El Colegio de San Luis - Potosí

Noelia Enríz – Argentina, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y técnicas

Olga Grijalva Martínez – México, Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca

Paula Kwamme Latgé – Brasil, Grupo de Estudos de Gestão e Ensino em Saúde- GEGES - ISC-PROPPi-UFF(GP CNPq)

Paula Shabel – Argentina, Universidad de Buenos Aires

Paulo Roberto da Silva Junior – Brasil, Faculdade Arnaldo e Faculdade Anhanguera Barreiro

Pedro Nuñez – Argentina, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales

Pía Leavy – Argentina, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

Rachel Fontes Baptista – Brasil, Pontifícia Universidade Católica - RJ

Roberta Gracyelle de Lima Ferreira Cunha – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco

Sabrina Pereira Paiva – Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora

Stallone Abrantes – Brasil, Centro Universitário de Valença

Tereza Correia da Nóbrega Queiroz – Brasil, Universidade Federal da Paraíba

Thaize de Souza Reis – Brasil, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Wanderlei Abadio Oliveira – Brasil, Universidade de São Paulo